



**FACULDADE REGIONAL DA BAHIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

DAVID ALISSON RODRIGUES DA SILVA

**OS DESAFIOS DA IMPLANTAÇÃO DO TÊNIS COMO
COMPONENTE DO CURRÍCULO ESCOLAR**

**SALVADOR
2015**

DAVID ALISSON RODRIGUES DA SILVA

**OS DESAFIOS DA IMPLANTAÇÃO DO TÊNIS COMO
COMPONENTE DO CURRÍCULO ESCOLAR**

Trabalho de monografia apresentado como requisito final de aprovação da disciplina de TCC II do curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade Regional da Bahia (UNIRB).

Orientadora: Ms. Karine Miranda Pettersen

SALVADOR
2015

BIBLIOTECA ZUZA PEREIRA / FACULDADE REGIONAL DA BAHIA – UNIRB

Silva, David Alisson Rodrigues.

Os desafios da implantação do Tênis como componente do currículo escolar / David Alisson Rodrigues da Silva. - Salvador, 2015.
37 f.

Monografia (Graduação) Curso de Licenciatura em Educação Física –
Faculdade Regional da Bahia - UNIRB

Orientadora: Profª. Karine Miranda Pettersen

1. Tênis na escola. 2. Educação Física. 3. Componente do currículo escolar. I. Título.

CDD 641.01

DAVID ALISSON RODRIGUES DA SILVA

OS DESAFIOS DA IMPLANTAÇÃO DO TÊNIS COMO COMPONENTE DO CURRÍCULO ESCOLAR

Trabalho de monografia apresentado como requisito final de aprovação da disciplina de TCC II do curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade Regional da Bahia (UNIRB).

Aprovada em 14 de dezembro de 2015

Karine Miranda Pettersen - Orientadora
Mestre em Medicina e Saúde - PPgMS/UFBA

Prof. Viviane de Almeida Fernandes – Parecerista
Mestre em Administração com ênfase em Gestão Esportiva (UFSM)
Coordenadora do curso de Educação Física da UNIRB

Ary Godoy – Parecerista
Pós-Graduado em Fisiologia do Exercício – SP
Técnico Master da Confederação Brasileira de Tênis

A Deus, por motivos muito maiores do que eu poderia aqui citar.

A minha família e amigos por todo o apoio.

AGRADECIMENTOS

São muitos...

A Deus pelo seu fôlego de vida, pela sua multiforme graça e amor.

A João Ivan e Sandra Walléria, pai e mãe dedicados no cuidado e no amor, representados em exemplo de vida que sempre direcionaram a minha caminhada. Obrigado por me ensinarem por onde andar.

A minha irmã Aline, pequena joia que tanto amo.

Aos meus queridos amigos com quem vivo tantos bons momentos. A caminhada não teria graça sem vocês.

A Ary Godoy e Paulo Mondini por abrirem as portas e enxergarem em mim um potencial que nem eu enxergava, pelo apoio financeiro e todo o aprendizado compartilhado.

Aos professores Fernanda Rocha, Marcelo Ticks, Karine Pettersen, João Brito Junior, Jones Souza e tantos outros que moldaram o meu caráter profissional ao longo desta graduação.

Em especial a Karine Pettersen, dedicada professora e orientadora, sem a qual este trabalho não seria possível.

Muitos outros nomes poderiam ser citados e por todos estes, cultivo um profundo sentimento de gratidão por me acompanharem e ajudarem nesta experiência fantástica e tão importante para mim.

“Acho fundamental incentivar as crianças desde cedo a praticar esportes, não só por uma questão de saúde, mas também pelo desenvolvimento do raciocínio, da aprendizagem. O esporte também é essencial para a educação.”

Gustavo Kuerten

SILVA, David Alisson Rodrigues. **Os desafios da implantação do Tênis como componente do currículo escolar**. 2015. p. 37. Monografia - Faculdade Regional da Bahia. Salvador, 2015.

RESUMO

O tênis tem adeptos em todo o mundo e em todas as classes sociais, caracterizando-se como um esporte prazeroso cuja prática é possível pelas mais diversas faixas etárias. No entanto por causa de sua história, onde era praticado pela alta classe, ainda existe um estereótipo que o classifica como um esporte de elite, causando o afastamento da modalidade da maioria das escolas brasileiras. Grande parte da população não tem acesso ao esporte em questão, o que poderia ser mudado com a implantação da modalidade no âmbito escolar. Este trabalho possui como principal objetivo a proposta de apresentar o tênis como uma alternativa para o currículo escolar, identificando os principais motivos do tênis ainda não ser componente curricular na maioria das escolas e propondo possíveis soluções. Também pretende mostrar a importância do tênis de campo na escola, bem como seus benefícios ao desenvolvimento dos alunos e identificar as dificuldades declaradas pelas escolas, pelos professores e pela sociedade. O trabalho foi construído a partir de uma revisão de literatura, o levantamento do referencial teórico foi realizado a partir da temática central tênis, direcionando-o para utilização nas aulas de Educação Física escolar. Por se tratar de um esporte com características únicas que contribui para a formação psicomotora e socioafetiva da criança, a modalidade possui particularidades específicas que cooperam para a formação escolar. Para possibilitar o trabalho dentro da escola foi necessário ressignificar o esporte se distanciando do modelo de alto rendimento e o adaptando para o espaço escolar utilizando uma abordagem com bases nos jogos de maneira divertida e ativa, dando condições para que as crianças joguem em um ambiente compatível as suas capacidades físicas, esta adaptação do esporte chama-se mini tênis e suas principais características são as quadras em tamanho menor, as bolas mais lentas, raquetes menores, materiais e espaços adaptados para a anatomia infantil. Em contrapartida a carência de espaços apropriados para a prática esportiva dentro das instituições de ensino, o alto custo dos materiais específicos da modalidade (raquetes, bolas e redes) e a falta de capacitação dos professores para o trabalho como o mini tênis nas escolas são os principais desafios para a implantação desta proposta, porém para estas dificuldades são propostas soluções de criatividade de baixo custo e até bastante simples, soluções estas que partem do professor como incentivador e promotor da ampliação das possibilidades do aluno em todos os aspectos. Oportunizar a prática do tênis de campo nas aulas de Educação Física escolar promoverá a manifestação de resultados positivos para os alunos praticantes nos âmbitos motores, sociais, afetivos e cognitivos e também promoverá popularização deste esporte nas mais diversas camadas sociais.

Palavras-chave: Tênis, Mini tênis, Educação Física, Tênis na escola.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. O PERCURSO HISTÓRICO DO TÊNIS	10
3. O TÊNIS E O MINI TÊNIS – CARACTERÍSTICAS E BENEFÍCIOS	13
4. A TENDÊNCIA CRÍTICO EMANCIPÁTORIA	19
5. O MINI TÊNIS E SUAS PERSPECTIVAS DE IMPLANTAÇÃO.....	21
6. O PROFESSOR E SEU PAPEL NO ENSINO DO TÊNIS ESCOLAR	24
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	35

1. INTRODUÇÃO

O tênis tem adeptos em todo o mundo e em todas as classes sociais, caracterizando-se como um esporte prazeroso cuja prática é possível pelas mais diversas faixas etárias. No entanto, por causa de sua história onde era praticado pela alta classe, ainda existe um estereótipo que o classifica como um esporte de elite, sendo essa a classe social que mais o pratica atualmente, causando o afastamento da modalidade da maioria das escolas brasileiras.

A partir do ano de 1998 com a promulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais da educação brasileira, tornou-se um dos objetivos para a Educação Física no ensino fundamental, “conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar de algumas das diferentes manifestações da cultura corporal, adotando uma postura não preconceituosa ou discriminatória por razões sociais, sexuais ou culturais” (BRASIL, 1998, p. 47). Esse objetivo também se tornou uma das premissas transmitidas aos futuros professores da disciplina de Educação Física na escola orientando que se deve propiciar aos alunos uma pluralidade de experiências e experimentações.

Ainda nestes parâmetros está previsto que as aulas de Educação Física deveriam ter conteúdos com maior abrangência de possibilidades motoras como correr, saltar, arremessar, receber, quicar bolas, bater, rebater, além de ter acesso a materiais como bolas, cordas, bastões, raquetes, vivenciando jogos e situações não competitivas que garantam a formação geral de seus praticantes (BRASIL, 2007). Observa-se, porém, que os conteúdos escolares de tal disciplina são sempre os mesmos, lutas, ginásticas, jogos e entre os esportes predominam o futebol, basquete, handebol e vôlei. Falta à grade de conteúdos a pluralidade das diferentes manifestações que estão previstas nos parâmetros nacionais. Diante disso o tênis se apresenta como um conteúdo possível de ser introduzido no currículo escolar, sendo inclusive citado pelos PCNs quando estes abordam sobre esportes com bastões ou raquetes que podem ser trabalhados na escola.

Crespo (1999) afirma que o tênis é praticado por cerca de oito milhões de pessoas em mais de duzentos países. É um esporte que propicia a prática para pessoas de diversas idades e diferentes características, além de promover saúde, socialização e lazer aos seus praticantes. No Brasil grande parte da população não tem acesso ao esporte em questão, o que poderia ser mudado com a implantação da modalidade no âmbito escolar. Por se tratar de um esporte com

características únicas que contribui para a formação psicomotora e socioafetiva da criança, a modalidade possui particularidades específicas que cooperam para a formação escolar. A prática do tênis desenvolve capacidades cognitivas como atenção e concentração muito importantes para o desenvolvimento prático neste esporte que podem também contribuir nas atividades teóricas de outras disciplinas escolares (PINTO & CUNHA, 1998).

Segundo os autores, a prática do tênis na escola gera benefícios interdisciplinares, aspectos cognitivos trabalhados que trarão benefícios que poderão ser utilizados em outras disciplinas escolares como matemática, história e outras disciplinas teóricas. Relatando os benefícios físico-motores propiciados pelo esporte, Siqueira (1991) relata que o tênis traz consigo movimentos físicos encontrados em outros esportes como correr, saltar, arremessar e também utilizam rapidez, destreza e resistência, capacidades do esporte em questão que são combinadas com a coordenação motora.

Outros atributos trabalhados como lançar, pegar, balancear, quicar, desenvolvimento da coordenação motora grossa e fina, flexionar, lançar, coordenar movimentos de membros superiores e inferiores e de quadril e outras contribuições motoras, sociais e cognitivas reforçam os benefícios da implantação do Tênis na Educação Física escolar que também contribuirá para o crescimento e desmistificação da modalidade.

Para possibilitar o trabalho dentro da escola foi necessário ressignificar o esporte se distanciando do modelo de alto rendimento e o adaptando para o espaço escolar utilizando uma abordagem com bases nos jogos de maneira divertida e ativa, dando condições para que as crianças joguem em um ambiente compatível as suas capacidades físicas. (CRESPINO & MILEY, 1998 apud NAUFEL, 2014). A implantação do mini tênis nas escolas levaria a milhares de crianças a oportunidade de desenvolverem as características do esporte de forma simples, prazerosa e segura (NAUFEL, 2014). No Brasil, porém, o tênis está restrito a clubes e academias atendendo a minoria financeiramente privilegiada. A presença desse esporte nas aulas de Educação Física traria benefícios tanto aos praticantes quanto a própria modalidade que ganharia novos adeptos, cidadãos transformadores da realidade social do esporte. Sendo tantos os benefícios e possibilidades do tênis na escola, questiona-se: Quais são os desafios que se apresentam para a implantação do tênis como alternativa do currículo escolar para crianças de 8 a 12 anos?

Este trabalho possui como principal objetivo a proposta de apresentar o tênis como uma alternativa para o currículo escolar, identificando os principais motivos do tênis ainda não ser componente curricular na maioria das escolas e propondo possíveis soluções. Também pretende mostrar a importância do tênis de campo na escola, bem como seus benefícios ao desenvolvimento dos alunos e identificar as dificuldades declaradas pelas escolas, pelos professores e pela sociedade.

O trabalho foi construído a partir de uma revisão de literatura se dividindo nas seguintes etapas: escolha e delimitação do tema; formulação do problema; desenvolvimento do projeto de pesquisa; obtenção do referencial teórico; leitura e fichamento do material; redação do trabalho. O levantamento do referencial teórico foi realizado a partir da temática central tênis, direcionando-o para utilização nas aulas de Educação Física escolar.

Taylor e Procter (2001) definem revisão de literatura como uma tomada de contas sobre o que foi publicado acerca de um tópico específico. A seleção do material teórico envolve livros e artigos científicos que abordam a temática, publicados nos últimos quinze anos, a maioria deles encontrada nas bases de dados científicos Scielo e Google Acadêmico, utilizando os seguintes descritores: Tênis, mini tênis, escola, aprendizagem do tênis e tênis na escola.

2. O PERCURSO HISTÓRICO DO TÊNIS

Na antiguidade, jogos com bola possuindo alguma semelhança com o tênis já divertiam a sociedade da época. Um desses jogos era praticado na antiga Roma do século III e se chamava *harpastum*. Segundo Fontoura (1998) o *harpastum* romano foi adaptado pelo país basco – região entre a França e Espanha - com o nome de *jeu de paume* ou jogo da palma com regras parecidas com as do atual *squash*, uma variação do tênis cuja forma de jogar é rebatendo uma bola contra a parede.

No século VII na França começa-se a praticar o *paume*, um jogo parecido com o jogo basco onde não se jogava mais a bola na parede, mas agora por cima de uma corda que dividia a área de jogo em duas. Com o passar do tempo alguns jogadores não utilizavam mais as mãos nuas, optaram por usar luvas. No século XIV usava-se um aparato de madeira conhecido como *battoir* que mais tarde receberia um cabo e cordas trançadas.

Em seu livro Silva (2007, p. 97) diz que a primeira vez que a palavra tênis foi escrita de forma legível foi num poema inglês de 1399. Talvez remontando aos gritos dos franceses durante o *paume: tennez*, que significa “segure” em francês. O mesmo autor continua dizendo que na década de 80, outro poeta inglês falava de um jogo chamado *rackets*. De qualquer forma, podemos ver que o jogo de tênis era conhecido no século XVI tanto na França como na Inglaterra (SILVA, 2007).

Como retrata Silva (2007), nos castelos da família Wingfield na Inglaterra, um nobre francês estava preso por motivos de guerra há tanto tempo que já tinha se tornado um amigo. Resolveu ensinar tal jogo ao Lord Wingfield. Neste caso, a bola era rebatida com um utensílio de madeira por cima de uma rede. Os jogos entre o prisioneiro e o *lord* eram observados atentamente por um garoto, o jovem Walter Wingfield, filho do *lord* inglês que mais tarde incumbido de entreter as mulheres dos ingleses nas colônias da Índia se lembraria do jogo que via seu pai jogar, o transformaria e adaptaria para a mais parecida formatação do tênis atual. Ele o deu o estranho nome de *sphairistike*, que significa “jogo com bola” em grego, mas esse nome mudou para *law tennis* por ser jogado na grama. O Major Wingfield foi o primeiro a organizar regras do jogo criando, por exemplo, as dimensões oficiais da quadra, publicando-as em 1873 no país de Gales pensando em sistematizá-lo para que pudesse ser praticado ao ar livre tornando-se uma diversão tanto para homens quanto para mulheres.

Em 1877 o tênis ganha um grande marco com a organização de seu primeiro torneio competitivo, o torneio de Wimbledon, jogado nas quadras de grama do bairro de mesmo nome no subúrbio de Londres. O torneio foi organizado pelo inglês Juliam Marschall e pela All England Club que divulgou as regras do jogo que conhecemos até hoje. Sendo o torneio de Wimbledon um dos principais torneios atuais e com certeza o mais tradicional e importante onde até hoje seus participantes jogam na grama com as tradicionais roupas brancas que são utilizadas desde o primeiro torneio.

O tênis ficaria conhecido em toda a Inglaterra por causa da divulgação do torneio no jornal *The Fields* cujo dono era amigo dos dirigentes. Wimbledon fez o tênis se espalhar pela Europa, mas o *law tennis* já era conhecido em outro continente, pois Mary Ewing Outerbridge que em 1874 de férias no verão se deparou com homens ingleses praticando o esporte criado pelo major Wingfield, então Mary se interessou e levou para casa uma mala com o material

necessário ao esporte e em pouco tempo já havia quadras em Massachussets, Newport e Filadélfia. O torneio norte-americano, hoje conhecido como *US Open*, foi organizado apenas quatro anos depois de Wimbledon em 1881.

Desde o jogo romano passando pelo jogo do major Wingfield e até os tempos atuais o tênis, suas regras e seus materiais sofreram mudanças. Como relata Fontoura (1998), as calças brancas e saias plissadas até os tornozelos se tornaram calções largos e vestidinhos curtos e aerodinâmicos. As raquetes de metal ou madeira, hoje são de grafite ou outros materiais ainda mais modernos. Surgiram também novas jogadas como os voleios juntos a rede, utilizados pelo inglês Spencer Gore para vencer o primeiro Wimbledon, ou como o *lob* de Frank Hadow que passava por cima de Gore quando este vinha à rede volear, fazendo Hadow ganhar o mesmo torneio no ano seguinte. Até os gêmeos William e Ernest Renshaw pensarem numa forma de golpear a bola que vinha por cima deles e criaram o *smash*. Outros golpes foram surgindo, novas estratégias e estilos de jogo, dessa forma o jogo se modificou até se tornar o que é hoje.

No Brasil, Brustolin (1995 apud SILVA, 2007, p. 105) afirma que o poder econômico dos ingleses no século XIX ajudou a difundir tanto o futebol como o tênis. Desportistas ingleses introduzem o tênis no Clube Brasileiro de Cricket no Rio de Janeiro e em solo paulistano as primeiras quadras são construídas em 1892 no São Paulo Athletic Club, fundado por imigrantes ingleses. Até então o esporte era praticado como lazer, o primeiro torneio só acontece em 1904. Silva (2007) relata que a rivalidade entre Rio e São Paulo surge das disputas de tênis e de futebol entre os clubes desses estados que continham muitos atletas nas duas modalidades. Os dois esportes trazidos pelos ingleses estouraram na mesma época, porém, segundo Finger (2010, p. 20) “(...) estes tiveram muitas diferenças na forma como se desenvolveram, alguns descaminhos fizeram com que o tênis fosse menos difundido (...)”. Como exemplo, a fundação da CBT (Confederação Brasileira de Tênis) só aconteceu em 1956, em comparação com a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) que aconteceu quarenta e dois anos mais cedo em 1914.

Grandes atletas brasileiros já brilharam no mundo do tênis profissional, nomes como Maria Esther Bueno três vezes campeã de Wimbledon, quatro vezes do Aberto dos Estados Unidos (US Open) e primeira do ranking mundial por quatro anos. O gaúcho Thomas Koch, primeiro brasileiro a ganhar um *Grand Slam* nas duplas mistas e por último Gustavo Kuerten, o Guga,

o maior tenista brasileiro de todos os tempos. Guga chegou ao topo do ranking em 2000 onde permaneceu por quarenta e três semanas, venceu três vezes o Aberto da França (Roland Garros) e uma vez o *ATP Finals* que reúne os oito melhores tenistas da temporada. Silva (2007) diz que entre outros nomes que participaram da difusão do esporte no Brasil, a era Guga teve uma maior popularidade.

A partir dessa era o tênis passou a ser mais visto, cresceu em popularidade e ganhou cadeira cativa nos clubes e academias brasileiras e também na mídia, que transmite a maioria dos torneios a uma população que aos poucos aprende a amar o “esporte da elite”. Sobre isso Ferraz e Knijnik (2007) citados por Souza e Junior (2009) afirmam que o tênis não é mais um esporte praticado só pela elite, estando presente em toda parte, seja em quadras oficiais ou adaptando aos espaços disponíveis.

Este fato pode ser observado em inúmeros projetos sociais tanto de prefeituras como de academias de tênis que ensinam o esporte a crianças de comunidades carentes de todo o Brasil. Isso se constitui como o início da mudança do estereótipo dado ao esporte, que terá fim quando a população menos favorecida reivindicar seu espaço enquanto praticante, consumidor e formador do esporte o que aconteceria mais brevemente se o tênis estivesse presente dentro das aulas de Educação Física escolar como conteúdo regular.

3. O TÊNIS E O MINI TÊNIS – CARACTERÍSTICAS E BENEFÍCIOS

O tênis trata-se de um esporte que pode ser praticado individualmente ou em duplas, cujo objetivo é enviar a bola projetando-a com a raquete para que esta caia dentro das linhas que delimitam a quadra, que possui as seguintes medidas: 23,77m de comprimento por 10,97m de largura onde nestas medidas estão incluídos os corredores que só são utilizados nos jogos de duplas. A rede que atravessa o meio da quadra é sustentada por dois postes nas laterais e tem 1,07m de altura nas pontas e 0,97m de altura no meio (FINGER, 2010).

Outros componentes do jogo são a raquete e a bola, a respeito disso falam os autores:

As raquetes têm um formato padrão variando entre 63 a 68 cm de comprimento e pesando entre 280 a 350 gramas. A bola é um importante item como componente do jogo, onde é incorporada pelas sofisticadas batidas de múltiplas formas de contatos.

Ela sofre muitos efeitos dos movimentos da raquete, e suas formas de voo e de quicar no solo é um motivo que leva o jogador a ter grande atenção (GARCIA; FUERTES, 1996 apud FINGER, 2010, p. 20).

As maneiras de rebater a bola com raquete são chamadas de “golpes”. Combinando habilidades básicas e combinando movimentos, surgem os diferentes golpes que são usados em momentos específicos do jogo, de acordo com a necessidade exigida, ou seja, bolas altas, baixas, dos lados, no meio, fortes e fracas. Mediante isso, faz-se a escolha dos golpes a utilizar. Os golpes básicos são: saque (serviço), direita (*forehand*), esquerda (*backhand* ou revés), voleio (de *forehand* ou *backhand*) e *smash* (cortada).

Para a introdução como esporte da escola, tais medidas, materiais e movimentos técnicos devem ser alterados e adaptados. Assim, o mini tênis versão adaptada do esporte e usada para o ensino de crianças e até mesmo adultos em iniciação, torna-se a melhor maneira de difundir o esporte dentro da escola. O mini tênis surge na Suécia em resposta aos inconvenientes para o uso das raquetes por crianças pequenas. Para jogar, as crianças precisavam segurar em cima do cabo da raquete para sustentar o peso e ficar dentro da quadra para conseguir êxito em passar a bolinha sobre a rede, mesmo assim o uso de raquetes pesadas desenvolvia desequilíbrios físicos e técnicas errôneas irreversíveis (NAUFEL, 2014), sendo assim, surge a proposta de adaptar o esporte para o mundo infantil.

As principais características são as quadras em tamanho menor, as bolas mais lentas, raquetes menores, materiais e espaços adaptados para a anatomia infantil. Trata-se de uma forma de ensino divertida e ativa, usando como abordagem o ensino através dos jogos, propiciando às crianças que joguem de acordo com suas capacidades físicas. Segundo Naufel (2014), quadras menores, raquetes menores, rede mais baixa, bolas mais leves, regras mais simples formam o mini tênis e a base do aprendizado está no controle da bola e nos jogos.

Servindo de introdução ao tênis de campo todos os golpes podem ser aprendidos no mini tênis (NAUFEL, 2014), porém vale lembrar que para o ambiente escolar a técnica é o que menos deve prevalecer. Os modelos de golpes devem sim, ser mostrados e a orientação básica dada para que os alunos tenham êxito na rebatida e consigam jogar. Contudo, afastando o tecnicismo, o estilo pessoal e as capacidades de cada aluno praticante, devem ser respeitados de forma que o social, o lúdico, o lazer, o jogo e a prática docente prevaleçam. Portanto, para o mesmo autor, torna-se importante na introdução do mini tênis na escola o conhecimento das

estratégias metodológicas, etapas de desenvolvimento infantil e contribuições do esporte para a formação das crianças.

Na faixa etária em questão, ou seja, dos 8 aos 12 anos, as crianças estão na fase das habilidades motoras especializadas. Nesta fase as habilidades adquiridas na fase motora fundamental são aprimoradas e padrões maduros de desenvolvimento são combinados e melhorados para formar habilidades esportivas e outras habilidades motoras complexas (GALLAHUE; OZMUN, 2005 apud FINGER 2010).

Para Gallahue (2005), a fase de desenvolvimento das habilidades motoras especializadas apresenta três estágios, sendo o primeiro o estágio de transição, caracterizado pelas primeiras tentativas de refinar e associar habilidades de movimento maduro. Para a maioria das crianças de 8 a 12 anos, este é um período crítico, durante o qual as habilidades fundamentais de movimento são aplicadas aos esportes e jogos da cultura. O segundo é o estágio de aplicação onde o indivíduo torna-se mais consciente de seus dotes e limitações físicas pessoais e consegue selecionar determinadas atividades e esportes no qual se sinta mais confortável tanto no ambiente competitivo quanto recreativo. O terceiro é o estágio de aplicação ao longo da vida, no qual os indivíduos geralmente reduzem o alcance de suas buscas atléticas pela escolha de algumas atividades para se engajar regularmente.

Muitas vezes os educadores não possuem o conhecimento dos potenciais das crianças mostrando-se pouco capazes de realizar programas que estimulem o desenvolvimento das habilidades motoras, intelectuais e afetivas desses grupos, propondo atividades que não ampliam e nem diversificam, inibindo e restringindo o desenvolvimento e desconsiderando as reais necessidades (CANFIELD & NETTO, 1992 apud PÍFFERO & VALENTINI, 2010).

A Educação Física escolar e seus conteúdos da Cultura Corporal que abrangem ginásticas, lutas, esportes e dança, devem procurar através da sua prática educacional atingir objetivos gerais da prática de atividade física como o desenvolvimento e promoção da saúde, a aptidão física, o progresso motor, a constituição da formatação corporal, o crescimento emocional, a ampliação positiva da personalidade e do caráter e a totalização e integração social. Podemos ver que tais objetivos vão além da abrangência física somente, ampliando e atendendo à formação da criança em cidadão nas mais diversas áreas que o compõem. Desta forma o

trabalho escolar em todas as áreas do saber, especificamente na Educação Física, deve procurar atingir e contribuir no desenvolvimento integral do indivíduo.

Neste sentido, a proposta de mini tênis nas escolas deve apresentar um programa que atenda não só as capacidades e habilidades físico-motoras, mas também as habilidades cognitivas, afetivas e sociais por meio da modalidade (PÍFFERO & VALENTINI, 2010). A verdade é que os jogos, brincadeiras e atividades além de complementar as qualidades físicas, também atendem ao progresso mental dos participantes e em especial da criança na formação da sua educação moral e desenvolvimento global da sua personalidade. Nos jogos, brincadeiras e atividades encontramos situações de confronto, descobrimento, circunstâncias que exigem uma determinada postura ou entendimento da criança e tais casos refletem em menor escala, o cotidiano social.

Desde que a prática do esporte em questão seja regular e feita sobre adequadas orientações, podem ser alcançados benefícios de ordem física, cognitiva, psicológica e social (LUDORF, 1999). Baseado nos especialistas estudiosos do progresso motor das crianças certamente conclui-se que o mini tênis na escola, pela sua dinâmica e características, contribuirá para o progresso motor das crianças. Se tratando dos aspectos fisiológicos podemos listar os benefícios produzidos pela prática da modalidade em questão.

No tocante ao aspecto físico, as crianças apresentam um considerável desenvolvimento das capacidades e habilidades motoras devido à grande variabilidade de movimentos e deslocamentos exigidos na prática do esporte (LUDORF, 1999). Segundo Silva (2007) o tênis beneficiará a saúde das crianças por agir diretamente em capacidades como resistência aeróbia, força, potência, coordenação motora, coordenação olho-mão, tempo de reação, velocidade, agilidade, flexibilidade e equilíbrio.

Tais capacidades físicas estimuladas pelo esporte na escola, além de instigar habilidades motoras necessárias na vida cotidiana, trarão benefícios para toda a vida da criança, incitando-as a manterem-se ativas em longo prazo, promovendo hábitos saudáveis, prevenção de doenças e a manutenção da saúde. Autores trazem também relatos de benefícios não só motores, mas também benefícios intelectuais e cognitivos como o aumento da concentração e atenção, capacidades cognitivas exigidas e trabalhadas no tênis.

O tênis proporciona um espaço privilegiado para a melhora do processamento de informações e demais capacidades intelectivas como raciocínio, criatividade e memória, por causa de características inerentes como a diversidade de adversários, oportunidade para criação de jogadas, escolha da técnica e tática mais adequadas ao momento, variações do tipo de piso e outras condições que estão em constante variação, exigindo a intervenção de vários processos cognitivos para se chegar à solução mais adequada (LUDORF, 1999).

Segundo Ludorf (1999) fatores psicológicos como concentração e o controle dos diversos elementos que interferem no jogo como a torcida, postura do adversário, local e condições de jogo dependem basicamente do estado emocional do jogador e fazem toda a diferença no desempenho dentro de quadra. “A concentração, com a prática do tênis tende a se tornar um hábito, sendo de grande valor para os afazeres do dia a dia da criança, os quais requerem atenção e concentração.” (PINTO & CUNHA, 1998, p. 29). Tais capacidades cognitivas assim como as capacidades motoras citadas anteriormente, podem e deverão servir para âmbitos que não só para o esporte em si, mas se bem orientadas também podem ser utilizadas nas outras disciplinas escolares e suas atividades teóricas. Além disso, a metodologia do mini tênis propõe o ensino através de jogos e situações práticas dinâmicas, onde muitas vezes um problema relacionado ao jogo será apresentado aos alunos e eles por sua vez devem solucioná-lo com auxílio discreto do professor para que o jogo possa continuar. Este método chama-se “descobrimento guiado”. Fazendo o aluno pensar e refletir sobre o esporte, estimulam-se também as capacidades cognitivas da criança. Doolittle (1995, apud PÍFFERO & VALENTINI, 2010) também reforça a aprendizagem esportiva pelo jogo, com regras simplificadas onde o aluno esteja empenhado em descobrir problemas e estratégias do jogo e criar caminhos para ganhar pontos, estando menos preocupados em executar habilidades técnicas.

Com fundamental importância para o alcance dos resultados objetivados pela escola para a formação do aluno, apresenta-se também a atenção às capacidades sociais. Neste sentido, Daolio (1995) mostra que a prática esportiva nas aulas de Educação Física deve ir além de regras, da tática ou técnica devendo ser contextualizada na realidade sociocultural de onde se encontra. Deve-se estimular nos alunos o pensamento crítico sobre a modalidade, o que ela representa na sociedade e abrir a possibilidade de visualização, questionamento e posicionamento crítico. O aluno deve ter uma maior compreensão da realidade cultural de sua

comunidade, bairro, município, estado ou país para verificar como a prática do tênis se insere nesse contexto.

De igual importância para esta formação, aparecem as capacidades afetivas e relacionais como mostram os autores:

(...) o principal objetivo é, utilizar o esporte para promover experiências ricas por meio de movimentos que possibilitem ao estudante desenvolver suas potencialidades, exercer o convívio social, ampliar as relações de amizade, vivenciar o trabalho em equipe, gerar resoluções de problemas na prática de jogos, desenvolver condutas esportivas apropriadas através do jogo, do respeito às regras, assumir papéis de liderança e experimentar o prazer e o divertimento (ALEXANDER e LUCKMAN, 2001; GRAÇA, 2004 apud PÍFFERO e VALENTINI, 2010, p. 151).

O esporte na escola deve promover aos alunos qualidade de vida, integração social, vivência da cultura esportiva através de uma perspectiva inclusiva, propiciando a conquista progressiva da autonomia, de um equilíbrio dinâmico para a integração e socialização e a formação e adaptação da personalidade. Os métodos pedagógicos para alcançar tais objetivos são citados por Pinto e Cunha (1998), sendo eles a proposta nas aulas de atividades em grupo que favoreçam a socialização, possibilitem a discussão das regras e da organização dos jogos entre as próprias crianças, desenvolvam uma postura positiva em relação a novas aprendizagens e as limitações dos colegas, promovam jogos cujo conteúdo implique em relações sociais e outras atividades que trabalhem as bases sócio-afetivas da criança.

Segundo Naufel (2014), o tênis é uma prática corporal e mental que deixa transparecer a personalidade do praticante. Por isso, o ambiente escolar deve conter uma série de características diferentes do tênis enquanto alto rendimento, buscando sempre o lúdico, trocando o espírito agonístico e demasiadamente competitivo do desporto, prevalecendo os aspectos de cooperação e socialização. “O tênis deve ser um meio, e não um fim em si mesmo” (FINGER, 2010 p. 39). É fundamental o esclarecimento por parte do professor de que se deve jogar com o outro e não contra o outro. Por se tratar de uma modalidade individual, as crianças podem interpretar de forma errada as atividades, alimentando uma competitividade excessiva que não é benéfica para sua formação. Assim, torna-se de fundamental importância a intervenção e orientação do professor promovendo atividades que quebrem esse individualismo e incentivem o respeito, o cooperativismo e a competitividade saudável.

4. A TENDÊNCIA CRÍTICO EMANCIPÁTORIA

Com tantas peculiaridades, o tênis da escola necessita de uma abordagem pedagógica que atenda às necessidades e particularidades do conteúdo. Observando-se o estereótipo relacionado ao esporte e a necessidade da mudança da visão social sobre ele depositada, a necessidade de um distanciamento entre o esporte da escola e o esporte de alto rendimento, a busca do lúdico e as características pedagógicas exigidas, este trabalho propõe que a abordagem didático-pedagógica a ser utilizada seja a Abordagem Crítico-Emancipatória.

Esta abordagem possibilita a prática do esporte dentro da escola, como propõe Kunz (2006 p. 29) “Um esporte não necessariamente precisa ser tematizado na forma tradicional (...), mas com vistas ao desenvolvimento do aluno (...) na formação de sujeitos livres e emancipados”, para que dessa forma sejam levantadas e estimuladas capacidades de análise das condições de pensamento racional possibilitando um posicionamento do indivíduo e a libertação do que limite o seu pensar e agir.

Desde cedo crianças e jovens são submetidos a uma coerção, por mais sutil ou inocente que ela pareça, essa coerção os impossibilita de enxergar o esporte de maneira crítica e dessa forma não mais conseguem pensar criticamente sobre sua prática, pois a mídia e a sociedade já os cegaram. Eles repetem padrões, não os criam e nem tomam iniciativas, não questionam e nem refletem como mostra o autor:

Assim atualmente em qualquer situação onde o esporte é praticado e independentemente dos motivos que levam a essa prática, seja pelo lazer, pelo rendimento ou como Educação Física Escolar, a tendência é a padronização e normatização dessas práticas, impedindo assim que um horizonte de outras possibilidades de movimentos possa ser realizado. Isto coíbe, inclusive, uma participação subjetiva dos indivíduos nas práticas do esporte. (KUNZ, 2006 p. 23)

Essa forma acaba transcendendo para além da prática esportiva indo para as atividades diárias. Pensar sobre o esporte e sua prática munirá os alunos de ferramentas críticas que possibilitarão um posicionamento nos mais diversos âmbitos sociais. Este posicionamento relacionado ao tênis pode levantar indivíduos que questionem a elitização deste esporte e reivindiquem seu lugar enquanto praticante da modalidade. Tal mudança só acontecerá se começar desde a base da formação social destes indivíduos, ou seja, na escola. Só o fato de crianças de uma escola pública conquistarem acesso a um esporte considerado da classe A, já

se configuraria uma crítica social promovendo reflexões, questionamentos, posicionamentos e, em longo prazo, uma emancipação e mudança de um pensamento estereotipado.

No lugar das simples habilidades técnicas – que são sim necessárias, mas não são a totalidade nem a prioridade no esporte da escola – devem existir conteúdos teórico-práticos que o desnudem, permitindo aos alunos uma melhor visão e organização mental dos movimentos e jogos de acordo com as suas possibilidades e necessidades como mostra Kunz (2006, p. 31):

O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, pela reflexão crítica.

Um modelo pedagógico que seja crítico-emancipatório deve na prática estar acompanhado de uma didática comunicativa, pois ela deverá esclarecer a razão de toda a ação educacional. O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, não só no aprender a fazer, mas, aprender a conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados pela reflexão crítica (KUNZ, 2006).

No que se refere aos procedimentos práticos das aulas, tal abordagem defende todos os princípios educacionais da Educação Física e as formas de se trabalhar o tênis na escola citadas anteriormente, buscando realizar o trabalho de forma gradativa, através de jogos e brincadeiras, adaptando-o para a realidade social e capacidades das crianças. Uma forma de ensino crítico-emancipatória também deve priorizar atividades cooperativas e a inclusão, afastando-se do individualismo e tecnicismo para promover melhorias nos aspectos físicos, cognitivos, sociais e afetivos, contribuindo para a formação do caráter e personalidade de um cidadão crítico com consciência de seus direitos e deveres, agente e transformador do mundo que o cerca.

O ensino dos esportes na Educação Física escolar deve transcender o simples desenvolvimento de habilidades técnicas, numa concepção crítico-emancipatória devem ser incluídos conteúdos com cunho teórico e prático que tornem o esporte transparente e permitam aos alunos selecionar e organizar os movimentos e jogos de acordo com as suas necessidades e possibilidades (KUNZ, 2006).

A pedagogia crítico-emancipatória se apresenta então por uma didática comunicativa, para o desenvolvimento de uma interação e linguagem, munindo o aluno de conhecimentos, esclarecendo uma visão embaçada sobre a prática esportiva, para que o mesmo possa pensar criticamente sobre seus movimentos e jogos, adequando-os a suas necessidades e interesses, não mais aceitando uma prática tecnicista divulgada pela mídia. Correlacionando com o tênis na escola tal abordagem traz os elementos necessários para a popularização do esporte, contribuindo para sua deselitização e formando sujeitos críticos que transformem a realidade social segregada da modalidade.

5. O MINI TÊNIS E SUAS PERSPECTIVAS DE IMPLANTAÇÃO

Oportunizar a prática do tênis de campo nas aulas de Educação Física escolar promoverá a manifestação de resultados positivos tanto para os alunos praticantes, como já citado anteriormente, nos âmbitos motores, sociais, afetivos e cognitivos, como também para a escola, para a Educação Física enquanto disciplina, para o esporte e até mesmo para a sociedade. Este capítulo pretende mostrar as diferentes perspectivas da implantação do tênis nas escolas no que se refere a pontos de vista que enxergam as facilidades desta proposta e pontos de vista que trazem as dificuldades da mesma.

Segundo FINGER (2010), entre as vantagens e facilidades da implantação do mini tênis na escola pode-se mencionar que se trata de uma modalidade que promove bastante diversão durante a prática, garantindo assim um envolvimento maior por parte dos alunos ao conquistá-los rapidamente, tornando o processo ensino-aprendizagem mais fácil e prazeroso. Uma vez que as crianças têm como objetivo se divertir, jogar e competir, o professor deve usar essas finalidades para envolver os alunos nas atividades.

O tênis também promove através da diversão uma boa condição física e mental por atender aos vários aspectos a serem desenvolvidos pelas crianças (físico, mental, social e afetivo). É um esporte que pode ser praticado por uma ampla faixa etária escolar, desde crianças com cinco anos de idade até o ensino médio. Tradicionalmente o mini tênis destina-se aos jogadores mais jovens, por conter características morfolologicamente adaptadas como o tamanho dos espaços e materiais.

Esta adaptação da modalidade facilita a aprendizagem de gestos técnicos e noções táticas do tênis de campo por possuir características que possibilitam a fácil execução de golpes, jogadas táticas e fundamentos do tênis. Trata-se de um ótimo método de motivação e fidelização dos alunos atraídos pela possibilidade de uma nova prática além daquelas tradicionais e rotineiras da Educação Física escolar e posteriormente pela estrutura e características da aula em si, por sua dinamicidade e ludicidade.

Segundo FINGER (2010, p. 47) “São colocados mais alunos por quadra, otimizando o espaço.” Aproveitar melhor os espaços torna possível a prática simultânea de um maior número de alunos. O mini tênis pode ser trabalhado com uma raquete e uma bola para cada três alunos, numa quadra de mini tênis podem jogar até três duplas, num modelo de jogo em que a espera de uma das duplas seja curta. Qualquer superfície plana pode acomodar uma quadra podendo assim, serem colocadas em pátios e em outros lugares. Em uma quadra poliesportiva podem ser colocadas de sete a oito mini quadras.

Segundo Naufel (2014) fatores como compartilhar e cooperar, lidar com o próximo e trabalhar em equipe, utilizar a memória, criar interesse no tênis, construir autoconfiança, autoestima, coordenação e fatores técnicos específicos do esporte como controle de raquete e bola, empunhadura e postura, trabalho de pernas e equilíbrio também fazem parte de uma aula de tênis escolar. A grande abrangência de características benéficas que podem ser trabalhadas pela modalidade dentro da escola, torna a aula rica em possibilidades e objetivos para a escolha do professor. Porém, tais características positivas e benefícios não são conhecidos da maioria dos professores.

Apesar de tantos benefícios apontados por autores que já se propuseram a estudar este tema, ainda prevalecem os obstáculos que dificultam esta proposta. Estes obstáculos partem do desconhecimento sobre a modalidade e outros fatores também se tornam desafios para a implantação do esporte em questão no currículo escolar da maioria das instituições de ensino brasileiras. Pretende-se identificar tais obstáculos apontados pelos professores, pela escola e sociedade com o objetivo de esclarecê-los para uma melhor compreensão.

Atingindo não só a modalidade do tênis, mas as aulas de Educação Física em muitas escolas brasileiras, o primeiro obstáculo é a falta de espaços apropriados para as aulas. Escolas estaduais, municipais e rurais principalmente são as que mais carecem neste quesito. Espaços

como quadras, pátios ou áreas adequadas são difíceis de encontrar e quando a escola os possui muitas vezes são diminutos e irregulares, expostos às intempéries, não possibilitando a prática de muitas atividades (PINTO & CUNHA, 1998). Este problema é conhecido pelos profissionais da área que são orientados sobre isso em sua formação acadêmica, tornando o improvisado, a criatividade e capacidade de adaptação atributos fundamentais para um professor de Educação Física.

Se tal necessidade atinge as aulas da disciplina e até mesmo atividades e modalidades consideradas tradicionais e mais fáceis de serem trabalhadas, ainda mais em se tratando do mini tênis. Trata-se de um desafio plausível e bastante compreensível, porém contornável. Assim como nos demais conteúdos, devem ser selecionadas atividades que se adaptem ao espaço disponível. A qualidade e criatividade do professor tornam-se fatores importantes, afinal a carência de espaços é um problema nacional nas escolas.

Outro desafio é o custo dos materiais, que classificam o tênis como um esporte caro e inacessível para as realidades sociais menos favorecidas financeiramente e também para a escola por exigir uma demanda grande de materiais. Raquetes, bolas e redes são essenciais e caracterizam o esporte, portanto se não é possível tê-los, não é possível a prática do tênis na escola. Trata-se de uma crítica verdadeira, pois materiais oficiais são caros, não só para o tênis, mas, para qualquer modalidade esportiva. Esta realidade apontada por professores e pelas instituições de ensino restringe a prática das atividades escolares, sendo selecionados atividades e conteúdos que não necessitem de tanto material, tornando as aulas pobres, monótonas e fazendo com que os alunos percam o interesse.

Souza & Junior (2009) relatam que a omissão de oferta da modalidade tênis de campo, segundo os professores de Educação Física se deve primordialmente à falta de materiais e espaço apropriado a tal prática. Para os mesmos autores a omissão ao oferecimento do esporte se dá pelo não conhecimento das possibilidades de adaptações do tênis e utilização de materiais alternativos. Esta falta de conhecimento, também citada por Souza e Júnior é outra dificuldade, e talvez a que traga mais empecilhos para a implantação desta proposta. A falta de capacitação dos professores em relação ao ensino-aprendizagem do tênis. São poucas as instituições de ensino superior que ofertam a disciplina tênis de campo em sua grade de formação acadêmica, essas poucas universidades estão situadas no sul e sudeste do Brasil, onde é mais forte a proposta do tênis na escola e onde já existem vários projetos em ação

neste sentido. Através da formação de profissionais capacitados para o trabalho com a modalidade em questão na escola, os dois primeiros problemas deixariam de ser tão assustadores, pois os materiais alternativos e atividades adaptadas trariam uma maior facilidade ao trabalho com tênis na escola.

Os professores provenientes do curso de licenciatura não recebem a orientação necessária para esta capacitação, e historicamente os professores de tênis são ex-praticantes ou jogadores que por entenderem bem do jogo resolvem ser treinadores esportivos buscando o auxílio da graduação, ou boleiros – pegadores de bola que auxiliam o professor nas aulas – que aprendem o ofício por estarem em contato com os professores e resolvem seguir a mesma carreira. Em ambos os casos o que mais acontece é a busca pela graduação do bacharelado, pois seu objetivo é atuar em clubes e academias sendo treinadores de atletas ou ministrando aulas particulares. De qualquer forma a área escolar fica carente de profissionais que tenham a visão da possibilidade de trabalho do tênis na escola, pois a dificuldade de controlar um grande número de alunos com raquetes e bolas e falar de um esporte com qual não se tem intimidade se torna um fator negativo para os professores (Cruz, 2003).

Estas são as principais dificuldades alegadas ou encontradas no trabalho de implantação do tênis na escola. A carência de espaços apropriados para a prática esportiva dentro das instituições de ensino, o alto custo dos materiais específicos da modalidade (raquetes, bolas e redes) e a falta de capacitação dos professores para o trabalho como o mini tênis nas escolas. Porém, para estas dificuldades, são propostas soluções de criatividade, de baixo custo e até bastante simples, soluções estas que partem do professor como incentivador e promotor da ampliação das possibilidades do aluno em todos os aspectos. Desta maneira o professor e seu papel tornam-se fundamentais na execução com sucesso desta proposta.

6. O PROFESSOR E SEU PAPEL NO ENSINO DO TÊNIS ESCOLAR

Pretende-se aqui ressaltar a importância da ação do professor no processo de ensino aprendizagem dessa proposta, uma vez que como mediador e orientador ele será o responsável pela facilitação do processo de aprendizagem teórico-prático e conceitual do esporte em questão. Cabe a este profissional entender os processos didático-metodológicos, as etapas do desenvolvimento infantil, os interesses e capacidades de cada faixa etária, a

organização das atividades e conteúdos de forma a otimizar e facilitar a assimilação por parte das crianças, tornando o processo agradável e prazeroso.

Segundo Ludorf (1999) para que a criança possa usufruir dos benefícios proporcionados pelo tênis, é necessário que sua orientação seja feita por profissionais que tenham consciência do seu papel de educador e também estejam preparados com uma dimensão educacional além dos conhecimentos técnicos, estando ciente das diversas faces do processo de formação e desenvolvimento infantil e incluindo o contexto social. Fica claro que para a qualidade do trabalho realizado o professor precisa possuir um suporte teórico que o munirá de estratégias para a realização de seu papel dentro deste processo.

Este suporte teórico deve ser construído através dos cursos de graduação profissional no âmbito da licenciatura, que preparam futuros profissionais para a atuação nas escolas. Dentro da proposta do Tênis como esporte da escola Salum (1988) citado por Finger (2010) relata que os professores de Educação Física possuem conhecimentos acadêmicos suficientes para difundir o tênis de campo nas escolas, e as demais informações específicas da modalidade podem ser adquiridas através de livros, artigos, revistas e vídeos. Esta capacitação poderia ser ainda melhor se dentro dos cursos de graduação em Educação Física fosse inserida a disciplina de tênis de campo tratando de aspectos específicos desta modalidade e mostrando como os obstáculos que parecem tão grandes podem ser superados.

Citados no capítulo anterior, estes obstáculos se apresentam como dificuldades sendo estes os principais: a carência de espaços adequados dentro da escola para a prática do esporte, o custos dos materiais e a falta de capacitação dos professores. São diversas as possibilidades de solução destas problemáticas, porém todas elas dependem da engenhosidade, criatividade, capacitação e disposição do professor. Alguns autores já trazem alternativas para contornar ou solucionar tais empecilhos.

O mini tênis pode ser jogado em uma quadra pequena e simples, que pode ser construída em qualquer superfície plana, sendo uma alternativa para o problema de espaço físico nas escolas. Em um pátio, quadra ou até mesmo sala podem ser colocadas várias mini quadras. Para Naufel (2014) as quadras podem ser adaptadas em qualquer tipo de piso como terra, grama, cimento, madeira, carpete e areia, desde que o piso permita o “quique” regular da bola para que o jogo aconteça. As linhas e demarcações dependerão do tipo de piso, podendo ser feitas

com fita adesiva, giz, cordas, cones e outras formas alternativas, e a rede pode ser sustentada por duas cadeiras, ou até duas crianças segurando uma corda. “A respeito do tamanho não existe uma regra específica este pode ser variado conforme a evolução do aluno” (FINGER, 2010). Pode também ser utilizada uma parede como alternativa para o ensino.

O tamanho das mini quadras sofre variação de acordo com a idade e a habilidade dos alunos, recomenda-se que o tamanho da área de jogo não seja muito reduzido, o que aumentaria o número de erros e não permitiria a livre movimentação das crianças, assim como, um espaço muito grande não permitiria a movimentação adequada e consequentemente diminuiria os êxitos do aluno. O tamanho reduzido auxilia tanto o aluno no ato do jogar quanto ao professor que pode utilizar melhor o espaço construindo várias mini quadras e permitindo a participação de várias crianças ao mesmo tempo. Os espaços escolares muitas vezes deixam a desejar no que se refere à prática esportiva de qualquer modalidade, porém a criatividade e vontade do professor se fazem necessárias para a quebra deste paradigma e evolução dos alunos.

Em relação a materiais como raquete, bolas e rede (NAUFEL, 2014) propõe que qualquer tipo de rede pode ser utilizada, caso não se possua nenhuma, pode-se utilizar nylon, elásticos, barbantes ou cordas amarrados em cadeiras, mesas, ou algo que possa sustentar esses materiais esticados no ar, recomenda-se que a altura não seja maior que 80 cm do solo. As raquetes precisam ser pequenas podendo ser de materiais diversos e até fabricados pelos próprios alunos, quanto à bola, devem ser lentas, o que facilita o aprendizado, bolas de espuma são excelentes para os iniciantes.

“O material para a prática do tênis é caro, porém para o ensino deste esporte nas escolas, os professores não precisam destes materiais oficiais” (FINGER, 2010 p. 49). O mesmo autor defende que podem ser utilizados materiais alternativos como bolas de plástico ou de espuma, raquetes de tênis de mesa, de plástico ou de madeira. Uma boa opção é realizar um trabalho de confecção dos materiais, cada aluno pode fabricar sua raquete com madeira e papelão ou cabides de arame como fazem alguns projetos existentes. A rede pode ser representada por uma linha ou corda onde podem ser amarradas bandeirolas para uma melhor visualização. Esticando uma corda por toda a dimensão da quadra ou espaço utilizado com a ajuda de postes de sustentação improvisados como cabos de vassoura ou amarrados no alambrado, podem ser criados tantas mini quadras quanto possível.

A utilização de materiais diversificados como raquetes ou bolas mais leves, podendo ser de tamanhos, cores e texturas diferentes, além de cones, alvos e cordas além de motivar, proporcionam maior sensibilidade e diversidade na experiência prática. (LUDORF, 1999). Os materiais propostos pelos autores suprem as necessidades do esporte e também podem ser encontrados a custos bem reduzidos no mercado, desta forma o professor pode desenvolver estratégias e novas maneiras de adaptar materiais e espaços para a prática do mini tênis nas escolas.

Porém todas essas alternativas simples não são conhecidas para a maioria dos professores escolares, uma vez que não são transmitidas aos mesmos em seu curso de formação acadêmica. A solução mais viável para este empecilho seria a criação da disciplina de Tênis de Campo atrelada à formação do licenciado em Educação Física. Isso já acontece em algumas universidades brasileiras como a Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

Cabe também ao professor entender que seu ensino deve transcender o limite da teoria e prática do esporte, devendo atender aos princípios educacionais da formação do caráter cidadão do indivíduo. Portanto o que é ensinado na sala de aula deve conter e abordar o contexto social tanto do objeto de estudo quanto do aluno que o estuda. Como defende o autor, embora seja importante que o professor possua a vivência do esporte e bom domínio da técnica, sua prática não deve contemplar somente estes quesitos, suas ações devem estar baseadas nos cunhos pedagógicos, educacionais e científicos (LUDORF, 1999).

No que se refere a um esporte carregado de estereótipos e segmentação social, a sua inserção dentro da escola deve levantar questões sobre, classes sociais e elitização, dessa forma estará atendendo aos cunhos pedagógicos e educacionais, o esporte estará sendo estudado e não somente praticado. Sabendo desta necessidade o professor pode se utilizar da abordagem metodológica proposta, a tendência Crítico-Emancipatória que preconiza exatamente a contextualização social e um esporte voltado para a formação social do aluno.

No tocante a importância social que está intrinsecamente ligada ao ato de educar, o professor deve se pautar por uma perspectiva crítica buscando contextualizar a prática e discuti-la ao sabor dos valores sociais, ampliando o sentido do ensino do tênis para atender ao desenvolvimento integral da criança inserida na sociedade (LUDORF, 1999), contribuindo para a emancipação do indivíduo e formação do caráter social do aluno. A discussão torna-se

fundamental dentro de tal abordagem, pois permite a aquisição de conhecimentos conceituais e atitudinais sobre o objeto de estudo.

Para Finger (2010), uma disciplina pode gerar uma mudança de comportamento no indivíduo, que atingirá primeiramente a sala de aula e posteriormente a escola, casa, bairro, até alcançar a sociedade. Dessa forma, espera-se através deste método educacional a popularização deste esporte nas camadas sociais menos favorecidas monetariamente, munindo-os de uma capacidade crítica para questionar as posições de poder que segregam a sociedade.

Outros aspectos da aula são de igual importância e merecem uma atenção especial do professor, como por exemplo, a competição e a ética no esporte. “A competição pode ser trabalhada de modo a estimular a cooperação, a criatividade e as tomadas de decisão por parte da criança” (LUDORF, 1999 p. 212). A orientação do professor é de fundamental importância para que a criança consiga ter o mínimo de domínio sobre a competitividade, o jogar com e não jogar contra deve ser estimulado.

Muitas crianças quando submetidas a situações de desafio e confronto protagonizam ações antidesportivas. Cabe ao professor definir como trabalhar a competição para utilizá-la de forma benéfica para motivar e promover a formação da criança, enfatizando a socialização e a importância do comportamento ético no processo competitivo (LUDORF, 1999). A competição saudável pode ser uma grande aliada na prática de qualquer esporte, porém a competitividade exagerada deve ser tratada com atenção por parte do professor, já que o esporte da escola é uma ferramenta para a formação do caráter e promoção de atitudes positivas tanto na vitória quanto na derrota. A compreensão deste fator atitudinal por parte do aluno está sujeita diretamente à ação do professor, sendo ele o responsável pela conscientização do competir de forma ética e respeitosa.

A questão técnica sempre gera dúvidas. Devem-se ensinar os movimentos do esporte ou deixar a criança livre para experimentar e brincar do jeito que ela bem entender? O tênis é um esporte tecnicista, até hoje se entende que os movimentos de um tenista devem se aproximar o máximo possível do que é considerado perfeito. Por isso, o ensino do tênis está repleto de repetições para que os golpes sejam automatizados e corrigidos.

Para Pinto & Cunha (1998) a iniciação do jogo de tênis deve passar pela aprendizagem das técnicas, contendo elementos que deverão facilitar a compreensão e realização das tarefas proporcionando o prazer do jogo e a diminuição de erros. Porém, o uso das repetições exageradas numa aula escolar pode gerar um descontentamento por parte dos alunos que querem somente brincar e se divertir, já que não possuem o entendimento dos benefícios de uma boa técnica.

Para Cruz (2003) o professor não deve insistir demais em um mesmo jogo, pois isso pode gerar uma saturação por parte do aluno que começa a se dispersar e fugir dos objetivos propostos, os jogos tradicionais e populares podem ser resgatados e adaptados para o tênis. Portanto, a criação de jogos e brincadeiras que contenham em si a estimulação do gesto técnico pode ser a melhor alternativa, o lúdico atenderá ao desejo dos alunos e os movimentos que facilitarão a sua aprendizagem estarão sendo aprendidos. A técnica pode e deve ser ensinada, até mesmo para possibilitar maior êxito na execução das tarefas por parte dos alunos, porém o foco do ensino não está somente na técnica.

A importância dos conceitos teóricos também é ressaltada pelos autores, como mostra Ludorf (1999), a aula deve conter aspectos não só práticos, mas também teóricos que permitam a reflexão sobre a melhor forma de agir na prática. O entendimento do que se faz, permite um aprendizado mais pessoal e eficaz, fazendo com que a criança ao entender como se pode fazer, pense e crie novas formas de atingir seu objetivo. Segundo Doolittle (1995 apud PÍFFERO & VALENTINI, 2010) muitos estudantes com poucas habilidades práticas encontram seu sucesso inicial nos aspectos cognitivos e teóricos que compõem a ideia do jogo. E a compreensão do jogo é fundamental para a sua prática exitosa. A partir da compreensão da ideia do jogo e dos gestos básicos da técnica é importante que o aluno os experimente na prática. Sendo o tênis um jogo de habilidades abertas a aula deve buscar a maior diversidade de padrões de movimentos para que possam ser utilizados com eficiência durante uma partida (LUDORF, 1999). Assim que o aluno tiver ideia dos movimentos básicos é importante colocá-lo em situações de jogo com o professor e com os colegas.

O aprendizado deve levar em conta as características do aprendiz, para assim desenvolvê-lo de forma adequada, também se deve lembrar que a aprendizagem é individual, pois cada criança possui o seu ritmo e personalidade e isso deve ser respeitado dentro do processo

(LUDORF, 1999). Portanto o professor escolar deve garantir e promover tanto aos habilitados quanto aos menos habilitados uma experiência positiva no contato com o mundo.

Como relatam Píffero & Valentini (2010) o professor deve respeitar as características individuais, experiências e diferentes níveis de habilidade, tornando possível o sucesso e o aprendizado a todas as crianças, utilizar como parâmetros de avaliação fatores como esforço pessoal, persistência e dedicação, envolver as crianças no processo de compreensão do aprendizado, propor tarefas desafiantes, implementar o fator novidade nas tarefas, estimular a cooperatividade para tomada de decisões, definição de regras e responsabilidades envolvendo alunos nos papéis de liderança, ensinar em pares, pequenos e grandes grupos independentemente das habilidades de cada um, estimular a autoavaliação dos alunos sobre suas atitudes, conquistas e desempenhos e incluir os participantes no processo de decisões.

Cada criança possui seu padrão de desenvolvimento, dado através da influência em seu meio de convívio, este padrão costuma obedecer a uma sequência ordenada nos primeiros anos de vida, porém, pode haver características mais ou menos desenvolvidas devido a variável individual (GALLAHUE, 2005). Teixeira (1990) entende que as informações acerca dos estágios de desenvolvimento da criança são de grande utilidade para orientar os processos pedagógicos. É importante lembrar que o processo de aprendizagem acontece de forma individual, portanto o processo de ensino deve respeitar seu nível de desenvolvimento motor e seus limites e possibilidades, promovendo atividades fáceis e realizáveis, mas, ao mesmo tempo desafiadoras que a estimulem e desafiem para não tornar a atividade enfadonha.

A ação de ensino escolar não deve se restringir apenas ao professor, mas os alunos devem participar ativamente da construção de seu ensino, tornando-se ativos dentro do processo e não somente receptores de informações. O professor deve ter um papel de condutor do processo, e deve ser capaz de proporcionar várias possibilidades de desenvolvimento, assim o aluno deverá ser um agente ativo e determinante no processo. Dessa forma estimula-se a autonomia, a responsabilidade e o interesse, promovendo uma participação espontânea nas aulas.

O professor deve possuir o conhecimento dos muitos aspectos que circundam a formação da criança para assim selecionar a forma mais adequada de apresentar os conteúdos do esporte e da Educação Física. O método a ser utilizado vai depender de fatores sobre o público alvo

como a idade dos alunos, fase de desenvolvimento em que se encontram instalações, materiais disponíveis e nível de compreensão intelectual (FINGER, 2010). Também devem estar submetidos a estes preceitos os conteúdos relacionados ao mini tênis na escola, serão aqui relacionados alguns que podem servir para desenvolvimentos posteriores.

As aulas devem promover a oportunidade de aprendizado de valores gerais do esporte, tirando assim o foco da mera capacidade técnica. Dessa forma os conteúdos trabalhados pelo Tênis da escola podem ser bastante amplos. Pretende-se aqui falar a cerca de tais conteúdos sugerindo a abrangência de temas como a história do tênis, a elitização e popularização do esporte, o profissionalismo, a ética esportiva, o companheirismo, o papel social do esporte e a influencia da mídia sobre o mesmo (LUDORF, 1999).

A importância do estudo da história do tênis está no fato de poder avaliar o resultado de suas modificações e evoluções ao longo de seu percurso histórico. É importante entender como a modalidade figurou no contexto social do passado, aprender com as anteriores vivências e como sofreu influências por onde passou. Portanto, enquanto conteúdo da Educação Física escolar e esporte a ser estudado, o tênis precisa ser contextualizado historicamente, para uma análise de sua trajetória e desenvolvimento.

Sobre a elitização e popularização do esporte Ludorf (1999) defende que nas aulas podem ser levantados questionamentos a respeito do acesso a modalidade. Questões que discutam quem o pratica atualmente, as influências desses fatores para além do esporte e como o percurso histórico do esporte interfere nesse aspecto. Estas questões podem fornecer o necessário para o questionamento dos valores e influências que cercam o esporte na atualidade instigando o pensar sobre a realidade social, e promovendo um posicionamento crítico.

Sobre o profissionalismo, o mesmo autor defende a sua discussão e elucidação em sala. Sem ter o conhecimento do trajeto e dos processos até se tornarem profissionais muitas crianças e pais manifestam esse desejo na esperança de conseguir a ascensão social por meio do esporte e por causa disso não priorizam os estudos como deveriam. É papel do professor de Educação Física trazer a conscientização do esporte como profissão, do mercado do esporte, do atleta como mercadoria, vantagens e desvantagens do profissionalismo.

Ainda dentro dos conteúdos propostos pode ser trabalhada a ética desportiva, que não deve ser aplicada só ao tênis, mas a todas as modalidades competitivas. Especificamente, pode-se debater sobre a postura ética de treinadores, atletas, dos pais, da torcida e outros, usando de exemplos divulgados pela mídia, ou situações da própria aula, atendendo assim as áreas conceitual e atitudinal do conteúdo, quando o aluno entende o conceito e gera atitudes comportamentais positivas a respeito do que entendeu. Aliado a isso pode ser também trabalhado o companheirismo na aprendizagem, criando oportunidades para desenvolvê-lo dentro do conjunto (LUDORF, 1999).

Dentro da abordagem Crítico Emancipatória pode-se também abordar sobre a função social do esporte, contextualizando-o socialmente para uma melhor compreensão de como a sociedade o enxerga e como ele atua no meio social. Também pode-se mostrar a influência da mídia, desmistificando-a para uma melhor compreensão além do superficial do que é por ela divulgado. Esta discussão pode abranger como a mídia influencia e lucra com o esporte, o esporte espetáculo e suas diferenças para o esporte educador.

As maneiras de trabalhar esses conteúdos dentro das aulas dependerão do público a quem será destinado. Como citado anteriormente os estágios de desenvolvimento são fundamentais para a escolha dos métodos. Fica óbvio que para crianças de oito anos, discussões em formas de debates longos sobre temas abstratos como o papel do esporte na sociedade é exigir dos alunos algo para o qual eles não estão capacitados. O uso de histórias, desenhos, ilustrações e exemplos tornarão tal entendimento mais fácil e prazeroso.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Referente ao cumprimento dos objetivos desta proposta pode-se concluir que a promoção da iniciação ao tênis dentro das aulas de Educação Física escolar mostra-se como uma importante ferramenta para a formação do aluno, sendo o tênis um meio para a aquisição das competências intelectuais, motoras, sociais e afetivas que o compõem. Esta implantação também contribui para a popularização deste esporte nas diversas camadas sociais e beneficia a diversidade das práticas escolares ao fugir dos conteúdos repetitivos e esportes hegemônicos. O tênis representa uma nova possibilidade para a prática escolar.

Pode-se ressaltar a importância desta modalidade dentro da escola pela possibilidade de atingir objetivos pedagógicos além da prática. Por carregar consigo uma grande discussão social, o tênis na escola também proporciona um olhar para além de suas salas de aulas, fazendo um paralelo entre o esporte e seu papel na sociedade. Se bem trabalhado pelo professor, este fator contribui para a construção de um olhar crítico lançado inicialmente sobre o esporte em questão e posteriormente utilizado pelo aluno para enxergar o mundo ao seu redor. Gerando a consciência crítica e autônoma que forma um cidadão ativo e consciente de seu papel social.

Na parte prática pode-se ressaltar a importância dos materiais adaptados tanto a estrutura corporal infantil quanto a sua realidade social, oportunizando a prática e a identificação do aluno com a modalidade, fazendo-o entender as possibilidades de adaptação dos materiais de modo que esse aprendizado ultrapasse as paredes da escola. As oficinas de construção de materiais complementam o trabalho tornando-se o momento para tal compreensão e aprendizado. As dimensões reduzidas, as regras simplificadas e o ensino através dos jogos também complementam e facilitam o aprendizado promovendo a ludicidade durante as aulas.

Para que tal proposta gere os resultados esperados é necessário o trabalho consciente do professor, que deve assumir seu papel como facilitador e tornar possível através de estratégias e adaptações a prática da modalidade na escola. Em resposta ao problema norteador deste trabalho pôde-se averiguar que juntamente com a falta de materiais e de espaços físicos propícios, a falta de capacitação dos professores para o trabalho com o tênis são os principais opositores desta proposta. Sugere-se a implantação em maior número da disciplina Tênis de Campo nas universidades brasileiras e principalmente baianas, preparando os futuros professores escolares para a atuação com a modalidade dentro da escola.

Referente à construção do referencial teórico para este trabalho pode-se dizer que existe a facilidade de levantamento de estudos sobre a temática. É grande o número de publicações, principalmente, artigos encontrados nas bases de dados da internet sobre esta temática. A principal dificuldade está na falta de publicações que relatem as experiências de professores que colocaram esta proposta em prática. Ao compartilhar estas experiências com seus pontos positivos e negativos seria possível a reflexão e adequação de alguns quesitos para que o tênis pudesse ser implantado com sucesso nas escolas públicas e particulares brasileiras.

Pode-se sugerir para futuros estudos a aplicação prática desta proposta com apropriação dos dados observados para a produção de relatórios que contribuam para a evolução da mesma. Também seria benéfica a avaliação e estudo da possibilidade de criação e implantação da disciplina de Tênis de Campo nos cursos de graduação em Educação Física nas universidades brasileiras, tornando possível a discussão de como esta formação deve acontecer, quais contribuições ela traria para o conhecimento, atuação profissional e para o currículo do formando, uma vez que o mercado das aulas de tênis é bastante convidativo e a possibilidade de trabalhar esta modalidade dentro da escola daria ao professor um diferencial no seu trabalho.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998. p. 114
- CRESPO, M. Metodología de la enseñanza del tenis. **ITF Coaching and Sport Science Review**, 1999.
- CRUZ, M. A. A. El tenis en la escuela. Problemas em su tratamiento, posibles adaptaciones y propuesta de actividades y organización através del mini-tenis. Retos. **Nuevas tendências em Educação Física, esporte y recreación**. 2003, nº 5, pp. 13-20.
- DAOLIO, J. Por uma Educação Física Plural. **Motriz**. v.1, n. 2 134-136, Dezembro/1995.
- FINGER, Bruna F. **O mini-tênis como uma metodologia para o ensino do tênis de campo na educação física escolar no ensino fundamental**. 2010. p. 70. Monografia - Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Chapecó, 2010.
- FONTOURA, F. **Configure seu Jogo: O Tênis além do instinto**. Editora: Libretos. Porto Alegre. 1998. Cap 1-2, p. 10-32.
- GALLAHUE, D. L. Conceitos para maximizar o desenvolvimento da habilidade de movimento especializado. **Revista da Educação Física/ UEM**. V.6, n.2, p.197-202, 2005.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte** / 7 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. 160 p.
- KUNZ, Elenor; TREBELS, Andreas H. **Educação Física crítico-emancipatória: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte** / Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. 208 p.
- LUDORF, Silvia M. A. Tênis para crianças: uma abordagem científico-pedagógica. **Kinesis**, Santa Maria, n. 21, 207-222, 1999.
- NAUFEL, Sergio. Mini tênis nas escolas como conteúdo para Educação Física. Ribeirão Preto: **Centro de Formação e Treinamento de Tênis - RP**, 2014. Disponível em: [HTTP://cftenis-rp.com.br/blog/?p=58](http://cftenis-rp.com.br/blog/?p=58). Acesso em: Jan, 2015.
- PÍFFERO, C. M.; VALENTINI, N. C. Habilidades especializadas do tênis: um estudo de intervenção na iniciação esportiva com crianças escolares. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.24, n.2, p. 149-163, abr/jun. 2010.
- PINTO, J. R.; CUNHA, F. H. G. O tênis como alternativa no currículo escolar para crianças entre 8 e 12 anos. **Motriz**, Viçosa, v.4, n.1, p. 9, 1998.
- SILVA, Suzana. **O Tênis**. Editora: Odysseus. São Paulo. 2007. Parte IV, p. 63-81
- SIQUEIRA, M. **Tênis: Jogando melhor**. Rio de Janeiro. Objetiva Ltda. 1991.

SOUZA, S. P.; JUNIOR, J. M. O tênis nas escolas: Diagnóstico da necessidade e perspectivas para sua implantação. **VI EPCC**, Centro Universitário de Maringá, p. 6, 2009.

TAYLOR, Dena; PROCTER, Margaret. The literature review: a few tips on conducting it. Toronto. **Health Sciences Writing Centre**. 2001. Disponível em: <http://www.writing.utoronto.ca/advice/specific-types-of-writing/literature-review>. Acesso em: Set - 2014.

TEIXEIRA, L. A. Estágios de aprendizagem motora e o processo de interação professor-aluno. **Kinesis**, 6(1): 23-42. 1990.

TEIXEIRA, R. G. et al. Habilidade motora especializada: desenvolvimento motor nos esportes. **Revista Digital**. Buenos Aires. n.157. Jun. 2011.